



A **Galeria Nara Roesler | Rio de Janeiro** apresenta *Sendo dado*, individual de Marcos Chaves, que faz uma apropriação do *site specific* apresentado no MAC - Niterói em 2017, no qual o artista cobriu com adesivo preto as janelas do museu, voltadas para a vista mais icônica do Rio de Janeiro e onde recortou a frase *Eu só vendo a vista*, em que somente através do vazio de cada letra era possível alcançar a paisagem.

Em *Sendo dado*, Marcos Chaves se apropria fotograficamente de sua instalação, em três narrativas distintas com cada letra da frase *Eu só vendo a vista*. Em uma das salas da galeria, as letras são apresentadas aleatoriamente em fotos de grandes formatos dispostas sobre paredes negras.

Em outro espaço, o trabalho que dá nome à exposição é uma homenagem do artista carioca a Marcel Duchamp, o mais célebre apropriador da história da arte, como destacam Pablo León de la Barra e Raphael Fonseca, autores do texto que acompanha a mostra. Com fotografias menores, que trazem as mesmas letras de sua instalação, Chaves escreve *Étant donnés* (*Sendo dado*), título da emblemática obra do artista francês, na qual só é possível avistar um corpo nu feminino com um fundo de paisagem através de dois buracos em uma porta de madeira. “É proposto, portanto, o encontro entre a instalação de Chaves e uma das mais célebres obras das artes visuais no século XX, o *Étant donnés*, apresentada ao público em 1969”, acrescentam León de la Barra e Fonseca.

Para completar seus experimentos, em um terceiro inédito trabalho, Chaves utilizando-se de um estereoscópio e um disco circular de slides, tecnologia analógica e contemporânea ao *Étant donnés*, convoca o público a acionar ativamente o seu corpo para ler cada letra que compõe “Só vendo”. Neste trabalho, que se aproxima de outra maneira da obra do artista francês, não é necessário incluir na sentença “a vista”, uma vez que a ela já está nos espaços de luz dentro das letras.



A1, da série Eu só vendo a vista, 2018
impressão jato de tinta sobre papel de algodão Hahnemühle sobre metacrilato fosco
ed 1/3 + 2 PA
100 x 80 cm

D, da série Eu só vendo a vista, 2018

impressão jato de tinta sobre papel de algodão Hahnemühle sobre metacrilato fosco

edição 1 de 3 + 2 PA

100 x 80 cm



EU SÓ VENDO A VISTA

Eu só vendo a vista, 2018
impressão jato de tinta sobre papel de algodão Hahnemühle sobre metacrilato fosco
edição de 3 + 2 PA
15 peças de 100 x 80 cm (cada)



O2, da série Eu só vendo a vista, 2018
impressão jato de tinta sobre papel de algodão Hahnemühle sobre metacrilato fosco
edição 1 de 3 + 2 PA
100 x 80 cm

S1, da série Eu só vendo a vista, 2018

impressão jato de tinta sobre papel de algodão Hahnemühle sobre metacrilato fosco

edição 1 de 3 + 2 PA

100 x 80 cm



ÉTANT

DONNÉS

Étant Donnés, 2018
impressão jato de tinta sobre papel de algodão Hahnemühle sobre metacrilato fosco
edição de 5 + 2 PA
100 x 80 cm



T, da série Eu só vendo a vista, 2018
impressão jato de tinta sobre papel de algodão Hahnemühle sobre metacrilato fosco
edição 1 de 3 + 2 PA
100 x 80 cm

U, da série Eu só vendo a vista, 2018

impressão jato de tinta sobre papel de algodão Hahnemühle sobre metacrilato fosco

edição 1 de 3 + 2 PA

100 x 80 cm





N, da série Eu só vendo a vista, 2018
impressão jato de tinta sobre papel de algodão Hahnemühle sobre metacrilato fosco
edição 1 de 3 + 2 PA
100 x 80 cm



Só vendo, 2018
estereoscópio, disco de slides
edição 1 de 3

Encontros Vendados

Pablo León de La Barra e Raphael Fonseca

A trajetória de Marcos Chaves chama a atenção devido à maneira como o artista experimenta linguagens tão diferentes como a produção de objetos e a fotografia, a instalação e o vídeo. De toda maneira, é inegável afirmarmos que na última década foi na fotografia que ele desenvolveu de modo sistemático sua pesquisa e onde explorou de forma inusitada o cotidiano. Seu olhar é afiado para a documentação de pequenos momentos que trazem algo da irrealidade cotidiana de uma cidade complexa como o Rio de Janeiro - desde os buracos das ruas e as maneiras de sinalizá-los até os enquadramentos do Pão de Açúcar como tranquilo cartão postal para o caos.

Comum à sua prática fotográfica e a algumas instalações é a relação entre as imagens e a escrita; Chaves tem especial interesse em jogar com palavras. A palavra “out”, aplicada em uma porta giratória, pode se transformar em “tuo”, assim como a frase “Come into the hole”, com o auxílio da letra W em uma leve mudança de cor, se torna “Come into the whole”. É essa busca pela dubiedade dos sentidos que o leva ao que talvez seja o seu trabalho mais conhecido no Brasil - a frase “Eu só vendo a vista” inserida sobre um cartão postal fotográfico do Pão de Açúcar.

Desenvolvido em 1997, esse trabalho foi transformado em um site específico, no ano passado, para a Varanda do Museu de Arte Contemporânea de Niterói. Sabendo que o museu se posiciona na Baía de Guanabara e que parte das janelas está de frente para a paisagem mais icônica do Rio de Janeiro, o artista optou por cobri-las com um adesivo preto. Em cada janela, uma letra diferente foi recortada e o público apenas conseguia ver a paisagem pelas fendas. Chaves literalmente “vendou a paisagem” num ato único - do mesmo modo que sua paisagem estava à venda à vista e sem direito às prestações. A ocupação do espaço causou admiração e espanto ao público; de maneira sutil, os jogos de poder envolvidos no mostrar, esconder e comercializar paisagens e ideias hegemônicas sobre a cidade estão plantados nas diferentes formas tomadas por essa série.

O artista fotografou separadamente cada letra dessa instalação e apresenta na Galeria Nara Roesler três versões diferentes da experimentação de seu resultado. Podemos afirmar que se trata de um projeto que se apropria fotograficamente de outra obra sua; nesse sentido, por quê não prestar uma homenagem ao mais célebre dos apropriadores da história da arte, Marcel Duchamp? É proposto, portanto, o encontro entre sua instalação com uma das mais célebres obras das artes visuais no século XX: o “Étant donnés”, instalação do francês apenas apresentada ao público em 1969.

Esta obra de Duchamp convida o olhar do público através de dois buracos em uma porta de madeira. Nesse ato de voyeurismo, vemos um corpo feminino nu com uma paisagem ao fundo. Assim como outras obras suas, se trata de um enigma visual em que as imagens por vezes mais desejam confundir e incentivar o ato cerebral do espectador do que entregar qualquer tipo de alegoria fácil. A própria frase “Étant donnees” – traduzida por Augusto de Campos como “Sendo dado” – traria também em si um anagrama, a frase “En attendons”, “nós esperamos”, também em francês. A obra de Duchamp se entrega ao público devido à luz, de modo semelhante às frestas com que a vista do Rio de Janeiro era percebida na instalação de Chaves.

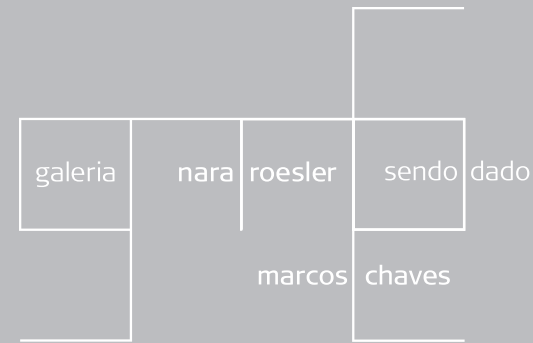
Em um dos trabalhos mostrados, as letras de “Eu só vendo a vista” são impressas em escala pequena e compõem por si só o “Étant donnés” de Marcel Duchamp. Nesse jogo da escrita de Marcos Chaves, a coincidência de partes das frases contou a seu favor. Já quando impressas em tamanho grande, cada letra é espacializada na primeira sala da exposição. Dispostas sem nenhuma ordenação a priori, sua composição de palavras ou frases ficará a cargo da equipe da galeria. Quais as maneiras de organizá-las? Alfabeticamente? Compondo pedaços de palavras em português, inglês ou em outras línguas? Ou seria a aleatoriedade delas a melhor solução nessa equação entre escrita, fotografia e a arquitetura? Só o tempo responderá.

Por fim, um terceiro inédito trabalho feito com um estereoscópio e um disco circular de slides aproxima de outra maneira sua produção a Marcel Duchamp. Ao se utilizar de uma tecnologia analógica e contemporânea ao “Étant donnés”, o público também se vê obrigado a acionar ativamente o seu corpo para compor e ler a partir das palavras do artista carioca. A frase “só vendo”, feita a partir dos sete espaços oferecidos para fotografias pelo objeto, presta novamente homenagem à visão, esse sentido tão essencial à pesquisa de Chaves. Só vendo (e lendo) para crer na força das imagens e das palavras. Não se faz necessário incluir mais “a vista” nessa sentença; ela já está ali nos espaços de luz dentro das letras. Da mesma maneira, a memória de Duchamp também ecoa nesses trabalhos.

Ficamos com a certeza de que, em um futuro próximo, outros trabalhos e frases de Marcos Chaves certamente nos levarão para outros blind dates - ou melhor, “encontros vendados” - com a história da arte e da escrita.

Pablo León de La Barra é curador de Arte Latino Americana, no Guggenheim Museum, em Nova York; Curador-Chefe do MAC Niterói, no Rio de Janeiro e curador associado do MASP-SP. É Ph.D em História e Teoria pela Architectural Association, em Londres. León de La Barra foi curador do Guggenheim UBS MAP e diretor da Casa França Brasil no Rio de Janeiro (2015-16). Organizou e co-organizou inúmeras exposições em instituições ao redor do mundo incluindo como o Guggenheim Museum, Nova York; MOCAD, Detroit; South London Gallery, Londres; Kunsthalle Zürich; Museo Tamayo, Museo Jumex, e Museo del Chopo, Cidade do México; TEOR Ética, San José, Costa Rica; Beta-Local, San Juan, Porto Rico; Pabellón Venezuela, República Dominicana; Museo de Arte de Zapopan, Guadalajara; Museu de Arte Moderna e Museu Carmen Miranda, Rio de Janeiro; e MASP, São Paulo. Foi fundador e co-curador da 1ª e 2ª Bienal Tropical em San Juan, Porto Rico (2011 and 2016), co-curador do SITE Santa Fe Bienal, (2016) e curador do pavilhão mexicano na Bienal de Veneza de 2017.

Raphael Fonseca é curador do MAC-Niterói e professor do Colégio Pedro II. Doutor em Crítica e História da Arte pela UERJ. recebeu o Prêmio Marcantonio Vilaça de curadoria (2015) e o prêmio de curadoria do Centro Cultural São Paulo (2017). Curador residente na Manchester School of Art (Maio-Agosto de 2016). Entre suas exposições recentes, destaque para “Dorminhocos – Pierre Verger” (Caixa Cultural Rio de Janeiro, 2018), “Regina Vater – Oxalá que dê bom tempo” (Museu de Arte Contemporânea de Niterói, 2017); “Bestiário” (Centro Cultural São Paulo, 2017); “Dura lex sed lex” (Centro Cultural Parque de España, Rosario, Argentina, 2017); “Mais do que araras” (SESC Palladium, Belo Horizonte, 2017), “Quando o tempo aperta” (Palácio das Artes – Belo Horizonte e Museu Histórico Nacional – Rio de Janeiro, 2016); “Reply all” (Grosvenor Gallery, Manchester, Inglaterra, 2016); “Figura humana” (Caixa Cultural RJ, 2014); “Deslize <surfe skate>” (Museu de Arte do Rio, 2014) e “Água mole, pedra dura” (1ª Bienal do Barro de Caruaru, 2014). Escreve regularmente para a revista ArtNexus e participou como um dos autores convidados para o catálogo da 32ª Bienal de São Paulo (2016).



sobre **marcos chaves**

Marcos Chaves (n. 1961, Rio de Janeiro, Brasil) trabalha sobre os parâmetros da apropriação e da intervenção, no que sua produção é caracterizada pela utilização de diversas mídias, transitando livremente entre a produção de objetos, esculturas, instalações, fotografias, vídeos, palavras e sons. Suas obras, em que se destaca o processo de sobreposição de imagens ou de imagem e texto, são marcadas pela presença de paródias, humor e ironia.

Chaves participou de diversas bienais, como: 17ª Bienal de Cerveira, Cerveira, Portugal, 2013, na qual recebeu Menção Honrosa por sua instalação Horizonte Refletido (2013); 54ª La Biennale di Venezia, Veneza, Itália, 2011; 25ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2002; e 1ª e 5ª edições da Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (1997 e 2005). Individuais recentes incluem: Eu só vendo a vista, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Rio de Janeiro, Brasil, 2017; Marcos Chaves, Galeria Nara Roesler, Nova York, EUA, 2017; Amoroso, Museu Chácara do Céu, Rio de Janeiro, Brasil, 2016; e Marcos Chaves - ARBOLABOR, Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha, 2015. Principais coletivas recentes incluem: Inside the Collection – Approaching Thirty Years of the Centro Pecci (1988-2018), Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália, 2018; Ready Made in Brasil, Centro Cultural Fiesp, São Paulo, Brasil, 2017; Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos, Oca – Pavilhão Lucas Nogueira Garcez, São Paulo, Brasil, 2017; Rotative Repository of Latin American Video Art: Mono Canal, El Museo del Barrio, Nova York, EUA, 2017; e Brasil, Beleza?! Contemporary Brazilian Sculpture, Museum Beelden aan Zee, Haia, Países Baixos, 2016. Possui obras em diversas coleções institucionais, como: Centro de Arte de Caja de Burgos (CAB), Burgos, Espanha; Centro per l'Arte Contemporanea Luigi Pecci, Prato, Itália; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil; e The Ella Fontanals-Cisneros Collection, Miami, EUA.

marcos chaves: sendo dado

abertura

21 de junho, 2018 | 19h

exposição

22 de junho - 11 de agosto, 2018

seg-sex > 10h - 19h

sáb > 11h - 15h

galeria nara roesler | rio de janeiro

rua redentor 241

ipanema 22421-030

rio de janeiro rj brasil

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art

marcos chaves é representado pela galeria nara roesler